



**BLUMENAU  
EM CADERNOS**

**TOMO XIX — No. 1**

**Janeiro de 1978**

## CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau  
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau  
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau  
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque  
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau  
Conrado Ildefonso Sauer - Rio de Janeiro  
Consulado Alemão - Blumenau  
Dr. Werner Klein - Cirurgião Dentista - Blumenau  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau  
Elmar Seidelmann - Blumenau  
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau  
Fritz Kuehnrich - Blumenau  
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau  
Georg Traeger - Blumenau  
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau  
João Felix Hauer - Curitiba  
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau  
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau  
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau  
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau  
Malharia Maju S/A. - Blumenau  
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau  
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau  
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau  
Tipografia Baumgarten Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau  
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau  
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau  
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau  
Transportadora Blumenauense Ltda. - Blumenau  
Buschle & Lepper S. A. - Indústria e Comércio  
Garden Terrace Hotel  
Casa Flamingo Ltda.  
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa  
Imobiliária "DL" Ltda.  
Casa de Móveis Rossmark S. A.

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XIX

JANEIRO DE 1978

Nº. 1

## — S U M Á R I O —

	Página
Pe. Jacobs — Precursor do Cooperativismo? . . . . .	2
Expedições do engenheiro Emílio Odebrecht . . . . .	3
Estante Catarinense . . . . .	9
Os primeiros moradores de Rio dos Cedros . . . . .	12
A Filatelia em Blumenau . . . . .	23
Subsídios para a história do Vale do Itajaí . . . . .	24
O movimento cultural e romântico em Blumenau desde o século passado até o período anterior a segunda grande guerra mundial . . . . .	25
A opinião dos que nos visitam . . . . .	29
"Minha estada na Colônia D. Francisca" . . . . .	30
Tem nova diretoria o Clube Filatélico de Blumenau. . . . .	32

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Diretor responsável: Honorato Tomelin — Redação: José Gonçalves

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 50,00

Número avulso Cr\$ 5,00 -- Atrasado Cr\$ 10,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 50,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 150,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

# Pe. Jacobs - Precursor do Cooperativismo?

José E. Finardi

O primeiro vigário de Blumenau, Pe. José Maria Jacobs, no desempenho de seu ministério sacerdotal não se limitou à cura d'almas da imensa paróquia que lhe foi confiada e em que se esmerou como um verdadeiro apóstolo. Sua ação estendeu-se à vida comunal, interessando-se sobremaneira pelo bem estar material não só de seus paroquianos como da população em geral.

Nos primeiros três decênios de seu estabelecimento, os pioneiros da Colônia Blumenau, se limitavam ao plantio de produtos em quantidades suficientes ao seu sustento e o dos animais que criavam. Não lhes advinha interesse em produzir mais e melhor, de vez que os excedentes eram açambarcados por meia dúzia de negociantes locais que lhes pagavam preço vil e assim mesmo em troca de tecidos e outros artigos essenciais, a custos extorsivos.

Foi decorrente dessa situação que Pe. Jacobs projetou organizar uma sociedade, visando vender esses excedentes diretamente aos compradores do Rio de Janeiro, sem a intermediação dos atravessadores locais.

Para concretização do projeto escreveu ao presidente da Província Dr. João Rodrigues Chaves, de quem era amigo pessoal, solicitando-lhe o apoio junto ao Governo Imperial no Rio, caso este

viesses a consultá-lo a respeito de tão pioneira iniciativa.

Dos termos das cartas a seguir transcritas, constantes de nosso arquivo, pode-se deduzir que Pe. Jacobs foi o precursor do Cooperativismo no mundo, de vez que a experiência tida como pioneira dos 28 tecelões de Rochdale, na Inglaterra, foi tentada em 1884, portanto, três anos depois da de Pe. Jacobs.

**"Blumenau, 26 de Agosto de 1881**

Exm<sup>o</sup>. e Illm<sup>o</sup>. Snr. Presidente d'esta Província.

## Confidencial

V<sup>a</sup>. Exci<sup>a</sup>. na ocasião de sua visita memorável d'esta Colonia depois da enchente do anno p.p. dignou-se honrar me com o encargo de interessar-me tambem no futuro por o melhoramento dos pobres colonos e de participar diretamente a V<sup>a</sup>. Exci<sup>o</sup>., sem mediação da Direcção quaesquer propostas para este fim.

Tendo feito todos os esforços em numerosos casos individuaes, ousou n'esta propor a V<sup>a</sup>. Exci<sup>o</sup>. um projecto para a prosperidade geral, muito desejado de quasi todos os habitantes, com excepção talvez dos grandes negociantes, e já apoiado de Senhores influentes de Rio de Janeiro, amigos da colonização, precisando o dito projecto só a aprovação e assistência valiosa de V<sup>a</sup>. Exci<sup>o</sup>. para bem succeder.

O projecto he a formação d'uma sociedade em Rio de Janeiro, protegida e favorecida do Estado para comprar directamente aqui os productos dos colonos sem intervenção de tres ou quatro differentes negociantes, sendo actualmente a necessidade de pas-sal-os d'uma mão á outra a causa principal, que os productos não têm preço nem valor para os colonos, e que os mesmos estão desanimados de cultivar mais do que precisão para a alimentação de suas famílias .

Pelo successo d'este plano os colonos realizarão um melhor preço para todos os seus productos, como milho, farinha, manteiga, queijo, tabaco, assugar, cachaça, algodão, aroiz, vinho, madeira, gallinhas, ovos, carne, etc. etc. estimularão-se a cultivar muito, e tambem terão esperança de receber e comprar directamente por meio da mesma sociedade de Rio a preço muito menor seus misteres domesticos e assim a situação e prosperidade geral da colonia será notavelmente elleuada.

Portanto respeitosamente em nome de quasi todos os habitantes d'esta colonia e de seus amigos em Rio peço a V.<sup>o</sup> Exci.<sup>a</sup>. dig-ne-se interpôr a Sua grande influencia com o Governo Imperial em favor do referido projecto, ao me-

nos no caso muito provavel, que o Governo requere informação de V.<sup>o</sup> Exci.<sup>a</sup>.

Estou com o mais profundo respeito, consideração e estima de V.<sup>a</sup>. Exci.<sup>o</sup>. humilde e agradecido servo, (as) Pe. José Maria Jacobs.

"GABINETE DA PRESIDENCIA DA PROVINCIA de SANTA CATARINA. Em 9 de Setembro de 1881. Confidencial. Illm.<sup>o</sup> e Revm.<sup>o</sup>. Snr. Pe. José Maria Jacobs.

De posse de sua confidencial de 26 do mez findo acerca da formação de uma sociedade no Rio de Janeiro, para comprar directamente n'essa Colonia os productos coloniaes, declaro-lhe, em resposta que auxiliarei, pelos meios ao meu alcance, o projecto da sociedade a que allude, e informarei favoravelmente ao Governo Imperial.

Convem, porem, que seja mais explicito sobre o modo de realizar o dito projecto, dizendo precisamente qual o embaraço que pode haver para os colonos exportarem os seus productos sem dependencia de negociantes d'essa localidade.

Com estima e consideração, sou de V. Revdm.<sup>o</sup>. Venerador e creado (as) João Rodrigues Chaves."

---

## EXPEDIÇÕES DO ENGENHEIRO EMILIO ODEBRECHT PARA A EXPLORAÇÃO DA ESTRADA LIGANDO BLUMENAU A CURITIBANOS.

Frederico Kilian

Sobre este tema, "Blumenau em Cadernos" publicou em seu volume n.<sup>o</sup> 6 de Junho de 1976, as anotações contidas no diário do engenheiro Emilio Odebrecht, nas quais o mesmo relata sobre a sua pri-

meira expedição feita no ano de 1863, às cabeceiras do Rio Itajaí, no intuito de explorar, por ordem do Dr. Blumenau, o melhor traçado para a construção de uma estrada que ligasse Blumenau e o vale do Itajaí ao planalto catarinense, até Curitiba.

Após esta primeira expedição frustrada, numa outra tentativa, Emilio Odebrecht, melhor preparado e provisionado, auxiliado por uma turma mais disposta, subiu, em companhia de alguns amigos convidados, entre estes o Dr. Fritz Müller, Wilhelm Friedenreich, Carl e Teodoro Kleine, pelo Rio do Oeste acima até além da atual sede do Município de Taió, em busca de um acesso viável, para vencer a serra até o planalto catarinense.

Sobre esta excursão, o escritor Carl Kleine, um dos convidados e componente da turma, nos relata, anos mais tarde, numa publicação feita num calendário blumenauense do ano de 1914, a vida que levavam no mato e de como costumavam trocar idéias, quando, após o trabalho de exploração diária, em volta do fogo do acampamento, meditavam sobre a utilidade do trabalho que realizavam e o futuro resultante desta expedição com o aproveitamento das experiências na construção de uma via de comunicação até ao extremo oeste de Santa Catarina. Carl Kleine é quem nos transmitiu algumas dessas reminiscências em sua breve resenha, contando-nos, com relativa fidelidade, o colóquio havido certa noite no acampamento, nos seguintes termos:

"Mais uma vez nós nos encontrávamos em plena selva virgem. O engenheiro-chefe era Emilio Odebrecht e meu irmão Teodoro o seu auxiliar. O nosso campo de trabalho ficava além do Rio do Sul, em Trombudo. Até Taió o serviço foi bem sucedido, graças ao tempo bom que reinava. O diretor geral dos trabalhos, excepcionalmente se achava presente, mas tudo ficara a cargo do engenheiro Odebrecht, homem de absoluta confiança e de larga experiência. O diretor-geral se fizera acompanhar dos senhores Dr. Fritz Müller e Wilhelm Friedenreich. O Dr. Fritz Müller se dedicava exclusivamente ao estudo da flora e dos insetos. Friedenreich era o seu auxiliar, protetor e aluno. À cata de exemplares desconhecidos, o Dr. Fritz Müller constantemente se desviava dos rumos e se perdia, tendo chegado a pernoitar faminto e desarmado na mata, longe do acampamento.

Todas as admoestações eram inúteis, que mais de uma vez lhe fazia o engenheiro Odebrecht. À noite, folgávamos em ouvir as palestras dos tres ilustrados cidadãos: Dr. Fritz Müller, eng<sup>o</sup>. Odebrecht e Friedenreich, dos quais cada qual tinha competência para falar com autoridade sobre diversos assuntos. De certa feita (o Diretor-geral já havia regressado ao mundo civilizado) os referidos tres senhores palestravam sobre o desenvolvimento geral da colônia de Blumenau e especialmente, no futuro das regiões de Rio do Sul e Taió.

Odebrecht iniciou a palestra com a seguinte interpelação dirigida ao Dr. Fritz Müller: "Qual a sua impressão colhida das regiões do Alto Itajaí? "Eu me refiro à colonização." — "Oh", replicou o Dr.,

"até agora pouco me afastei das margens dos rios", e, continuando: "o que vi do Rio do Sul e do Rio do Oeste é animador". — "Referes-te às borboletas e orquídeas". zombou Friedenreich. "Não, eu me considero leigo em questões de classificações de solos, por isso preferiria ouvir a opinião autorizada de um de vocês", disse o Dr. Müller. — Friedenreich atalhou: "É muito simples. Nas margens dos rios ha muita terra plana, isto é, terra aravel, seguida de chão mais alteroso, ainda lavradiu, nos fundos, ao longe, vês as encostas das serras, que também oferecem possibilidades, mas só à enchada e ao machado. Para as cabeceiras dos rios, os vales se estreitam mais e mais, todavia ainda com trechos cultiváveis. Não é assim, Sr. Odebrecht?" — "Eu admiro o seu tino de observador!" confirmou Odebrecht.

"Mas quanto aos solos?" indagou F. Müller. "Eu não os pude estudar em toda extensão", disse Friedenreich, "mas segundo me parece são cultiváveis e produtivos, não concorda comigo sr. Odebrecht?" Este respondeu: "De minha parte concordo, mas previno que é preciso, antes de tudo, saber a que cultura se presta em conjugação com o clima". — O Dr. Müller aquiesceu e perguntou: "Quais, na sua opinião, são as culturas recomendáveis?" — "Considero viavel a cultura do tabaco, milho, centeio, arroz, batatas, legumes e frutas, principalmente uva." — "Muito bem", ponderou o Dr. Müller, "mas se não me engano ha ainda um fator desfavoravel à colonização de tamanha área. Julgo serem elevados os fretes para os produtos que daqui saem e para aqui devem chegar". - "Ora, se fôr só isso," disse Odebrecht, "as distâncias deixarão de ser entrave e no que concerne às despesas de transporte, serão ínfimas, possibilitando relativa prosperidade ao colono." — F. Müller manifestou certo ceticismo, pelo que o Sr. Odebrecht tomou mais ímpeto, dizendo: "Creia-me, Sr. dr., mais dia menos dia, será construída uma via férrea que cortará estas paragens e seguirá planalto a fora" e, em tom chistoso, acrescentou: "quem sabe lá, se nós não chegaremos ainda a nos servir dela em certos trechos." — Friedenreich contagiado pelo ceticismo do Dr. Mueller, pilheriou ironicamente: "Pode ser que a via ferrea chegue até um pouco além das cachoeiras em Lontras, de lá então, até Taió, tomaremos uma lancha movida a motor". — "Meu senhores", replicou E. Odebrecht, em tom grave, mas medindo as palavras, "eu lhes assevero convicto que a realização da ideia, um tanto fantástica de Friedenreich, é perfeitamente viavel e sua execução será apenas uma questão de tempo". Friedenreich, um tanto surpreendido pela seriedade da resposta, apressa-se a pedir escusas, dizendo: "Perdão, mas eu continuo a ter as minhas dúvidas bem fundadas." "Ouçamo-las," insistiu Odebrecht, mostrando seu interesse. "Porque não, já que temos a liberdade da palavra", respondeu Friedenreich. "Pode dar os seus motivos, sem rebuços", animou o Sr. Odebrecht. "Eu", continuou Friedenreich, "vejo o principal óbice nas providências errôneas do próprio Governo, que, sempre bem intencionado e convencido da necessidade de colonizar, só teve insu-

cessos em suas tentativas e sistemas de colonização". O Dr. Müller interrompeu: "Deixe o Governo de lado, não cabe a nós criticá-lo." — "Meu Deus, quem está criticando?" revidou vivamente o homem, conhecido como pacato, e, no mesmo fôlego prosseguiu: — "Por mim, ponha-se em terreno neutro, embora eu somente me esteja referindo a fatos notórios que falam uma linguagem clara. Sem querer ferir ou ofender susceptibilidades governamentais, eu posso afirmar que em todos os ensaios oficiais ou empreendimentos referentes à colonização, o Governo tem esbanjado muito dinheiro, e mais, os colonos perderam a confiança e se afastaram dos núcleos, servindo isso de advertências a outros imigrantes. É a pura verdade; o Governo é incapaz de realizar com êxito semelhantes empreendimentos, é a mesma história de sempre, crianças já a conhecem, mas nem por isso é possível ignorar o fator Governo entre os demais fatores que devem ser estudados e levados em conta ao se pensar em qualquer colonização de maior envergadura. No nosso caso não seria o Governo o fator preponderante, do qual dependeria o êxito final? Não vejo razão porque omitir ou suprimir todas as imperfeições do Governo, a não ser por excesso de lealdade e piedade, em momentos em que se deve encarar a realidade e evitar que frustrem empreendimentos tão importantes; ademais, quanto à lealdade, nós já demos a prova máxima no campo de batalha, no Paraguai, e, mesmo sem isso, sempre fomos cidadãos obedientes e acatadores da autoridade".

Friedenreich silenciou um momento e, em seguida, mais calmo, dirigiu-se o Odebrecht, arremetendo: "Eis o motivo principal que me faz duvidar da realização das suas esperanças". — O Sr. Odebrecht, sem perder a serenidade, replicou em termos incisivos:

"Justamente o fiasco experimentado pelo Governo, promete futuros sucessos, pois basta não incorrer nos mesmos erros". — "Não acredito que alguém seja capaz de alterar a marcha das coisas ante o comodismo "Laissez-faire" — deixe o barco correr" —, bafejou Friedenreich. "Mesmo tanto não é preciso", prosseguiu Odebrecht, "uma empresa particular, mesmo que estrangeira, poder-se-ia interessar pela execução da obra ou pelo menos iniciá-la." Os srs. Mueller e Friedenreich frente a essas perspectivas, cederam terreno e o primeiro indagou: "Certamente empresas alemãs interessar-se-iam, se a colonização com elementos teutos fosse intensificada". — "Não importa, no caso, a nacionalidade", poderou Odebrecht, "o essencial são os recursos, a ação e o tino prático". Friedenreich ainda pondera: "A empresa, seja qual fôr, sempre dependerá do Governo, isto é, do apoio do Estado". — "Sem dúvida, o apoio do Governo não lhe será negado", acentuou Odebrecht. Friedenreich, triste, constada: "Ai, se não fosse essa malsinada política". — Um silêncio prolongado deu tempo a novas meditações. O Dr. Müller reiniciou, perguntando: "O sr. acha que a ferrovia será estendida ao planalto?" — "Até a fronteira com a Argentina", respondeu prontamente Odebrecht. — "O projeto, sem dúvida, é maravilhoso, mas a sua execução?" asseveraram Frie-

denrich e Dr. Müller. Odebrecht, ante tamanha descrença, cobrou ânimo e disse: "Efetivamente é uma obra tão vultuosa como arrojada, cuja magnitude melhor será entendida, se encararmos a realidade, isto é, a barreira formada pela mata densa do Vale do Itajaí, que aliás apresenta apenas uma fração do problema. Atentem no seguinte, meus senhores: o planalto e todo o "hinterland", são os fatores decisivos. Blumenau é tão sómente um elo importante na imensa cadeia, por ficar junto ao porto marítimo natural de todas aquelas regiões. Realmente, trata-se de uma obra maravilhosa, que pela sua necessidade terá que ser executada! — De uma ou outra forma, a obra será realizada. O projeto já está seguindo os trâmites rotineiros e, em breve, será apresentado ao Senado. Nós encontramos estadistas influentes, que apoiam a ideia, o que significa meio caminho andado". Recuperada a sua calma e mudando de entonação, Odebrecht prosseguiu: "Eu sei que essas coisas são morosas e que é preciso uma inextinguível paciência, mas todos os meios e recursos disponíveis serão postos em prática para que o projeto não esmoreça e, só após a sua execução cétricos e pessimistas compreenderão a magnitude e o alcance político-econômico da obra. Eu repito: a realização é uma necessidade inadiável, dela depende a existência e integridade do nosso Estado de Santa Catarina. Caso frustrar a ideia, ou se for protelada em demais a realização, nosso vizinho, o Paraná anexará grandes territórios catarinenses, a ponto de preferirmos, no fim das contas, a subordinação àquele vizinho perigoso. É nossa missão, evitar essa tendência por meio de atos de envergadura, isto é, cumpre-nos cultivar o centro e o "hinterland" catarinense e ligar essas regiões com o litoral, via Blumenau". Dito isto, Emilio Odebrecht fez menção de que havia dito o essencial. O Dr. Müller manifestando sua admiração, disse estar agora habilitado a ver as coisas por outro prisma, afirmando: "Nós não havíamos esperado semelhante preleção!" e, prosseguindo, indagou: "Então o Sr. está convicto de que a realização do projeto é só uma questão de tempo?" ao que Odebrecht confirma: "Justamente, o problema será solucionado, mais dia menos dia" - Fritz Müller indaga ainda: "Já existem indícios de que o Paraná tenciona infiltrar-se em território catarinense?" ao que Odebrecht prontamente responde: "Infelizmente já aconteceu e o nosso Governo assume uma atitude pouco enérgica; as infiltrações se repetem e, com o decorrer do tempo, as reivindicações paranaenses criam forma ante a nossa inércia, o que será uma grande desgraça". — "Tudo está muito claro, mas eu repito, "disse Friedenreich", essa malsinada política desmantela qualquer plano e torna tudo confuso". Emilio Odebrecht retorquiu: "Nem tudo está perdido, humilhante seria se ficássemos subordinados ao Governo paranaense. Mas quanto ao referido projeto ferroviário, não devemos considerar os paranaenses tão estultos a ponto de não atinarem com as vantagens d'ele decorrentes.

Tambem eles se empenham no sentido de uma ligação férrea

do planalto ao seu litoral e sua rápida realização". — O Dr. Müller, sorrindo amavelmente, observou: "Então não ha dúvida, a estrada será construída?" — "Não padece dúvida, isso é o que eu afirmo", respondeu E. Odebrecht. "Bem" reatou o Dr. Müller, "eu faço votos para que assim seja, o que dizes tu, Friedenreich?" — Este, bem humorado, arrematou: "O bondoso Deus ainda vive, mas mesmo assim, eu desejaria que o nosso amigo Odebrecht tivesse o comando supremo nesse assunto". Como já era tarde e o fogo havia se reduzido a um pequeno monte de brasas candentes, todos se recolheram às suas barracas para o merecido descanso, após mais um dia de estafante trabalho. —

Aqui terminam as reminiscências do Sr. Carl Kleine.

Realmente, tanto o otimismo do Sr. Emilio Odebrecht, como o ceticismo do Dr. Fritz Müller, com relação à construção da via férrea e o seu prolongamento até à fronteira com a Argentina, bem como as razões de suas respectivas opiniões, tiveram as suas confirmações no decorrer do tempo.

Conforme previra Emilio Odebrecht, em seu otimismo, pela imprescindível necessidade, a Estrada de ferro foi construída por uma empresa particular.

A Companhia Colonizadora Hanseática, de Hamburgo, que pelo Decreto Estadual nº. 227, de 26 de Setembro de 1904, recebera a concessão de construir e explorar uma estrada de ferro, no vale do Itajaí, após os primeiros estudos e início do levantamento topográfico em 1905, transferiu no mesmo ano os seus direitos à Sociedade Anônima Estrada de Ferro Santa Catarina, que iniciou a construção da mesma em 2 de dezembro de 1906. Os trabalhos progrediram rapidamente. Em 3 de maio de 1908 foi inaugurado o primeiro trecho de Blumenau até Warnow, em 3 de junho do mesmo ano e linha alcançou Acurra e em 1º. de outubro o trem chegou até a estação de Hansa, na confluência do Rio Itajaí do Sul com o Rio Hercílio, a alguns quilômetros distantes da sede do atual município de Ibirama.

Só muito mais tarde, isto é, em 1927, quando era Ministro de Estado dos Negócios da Viação e Obras Públicas, no Governo de Washington Luis, o ilustre ex-Presidente da Câmara Municipal de Blumenau, Dr. Victor Konder, por determinação dêste, foi iniciado o trecho de Subida a Rio do Sul, sendo que o primeiro trecho, Subida-Lontras (Estação Victor Konder) foi inaugurado no dia 1º. de Abril de 1929, para depois atingir a cidade do Rio do Sul. Em 1936 ficou pronto o traíeto até a Barra do Trombudo, ponto final desta via férrea. Não obstante já tivesse início, em Agosto de 1929, a construção da ponte metálica sobre o Rio Itajaí, na altura da fóz do ribeirão da Velha, nesta cidade, para o prolongamento da estrada de ferro em direção ao porto de Itajaí, a linha, em 1950, por ocasião do centenário da fundação de Blumenau, ainda não havia chegado à estação de Gaspar, onde o Chefe desta Estação, nomeado já ha alguns anos, espera-

va pacientemente o surgimento do trem na curva da figueira, na entrada da cidade de Gaspar. Sómente muito mais tarde foi concluído o trecho Blumenau-Itajaí.

Ficou, assim, com a razão o ceticismo manifestado pelo Dr. Fritz Müller, pois esta estrada de ferro nunca chegou a alcançar o planalto catarinense e muito menos a fronteira com a Argentina. Ela não existe mais. Sumiu do mapa!

Mas de outra forma as esperanças do engenheiro Odebrecht, de chegar Blumenau a possuir uma boa via de comunicação, atravessando o seu "hinterland" para o oeste até à fronteira com a Argentina e ligando o planalto catarinense, passando pelo vale do Itajaí até o porto marítimo na foz deste rio, tornou-se uma realidade, com a construção da via Jorge Lacerda e posteriormente com a conclusão da BR 470, ligando Blumenau, por esta moderna estrada asfaltada a São Miguel do Oeste, a poucos quilômetros da fronteira.

Hoje não se ouve mais o apito das locomotivas da Estrada de Ferro Santa Catarina, nem o sonoro apitar do vapor "Blumenau", mas em seu lugar os incessantes e enervantes estálidos das descargas abertas de possantes caminhões de carga que trafegam sôbre aquele asfalto, ensurdecendo os nossos ouvidos, deixando em seus rastos um ar poluído que envenena os nossos pulmões.

Ainda sôbre as expedições do engenheiro Emilio Odebrecht, para explorar, no início da colonização, um traçado para a construção de uma estrada de ligação entre Blumenau e Curitiba, voltaremos com o relato da sua primeira viagem, no ano de 1867, viagem esta que partindo de Blumenau, rumando por Itajaí — Estreito — Lages e Curitiba, teve a sua parte mais estafante e penosa, ao descerem os exploradores a serra, pela mata virgem, ao vale do rio Taió, alcançando Rio do Sul e finalmente, por Subida a cidade de Blumenau. Esta viagem durou de 8 de maio de 1867 até 3 de agosto do mesmo ano.

## ESTANTE CATARINENSE

*por Carlos Braga Mueller*

### RETALHOS DO TEMPO

de Manoel de Menezes — Edição do Autor, 1977.

O livro é dedicado às mulheres: "O homem foi à Lua, talvez mais longe ainda vá, porém jamais encontrará coisa melhor que a mulher! A elas ofereço este livro. O Autor". Na "orelha" da capa Menezes alerta: "Não pedi a um ami-

go para prefaciar RETALHOS DO TEMPO, por achar uma solicitação tão desagradável quanto avaliar um título em branco. Porém devo dizer que se trata de um livro simples, como simples foi minha vida, que vai aqui con-

tada, às vezes com alegria, outras com tristeza".

Manoel de Menezes foi, durante certa, época o jornalista que mais se utilizou do sensacionalismo para captar a atenção do público, tanto através do seu jornal "A Verdade" (que promete reaparecer em breve), como na emissora de rádio, que acabou vendendo. O jornal era avidamente consumido nas bancas e as pessoas que se viam atacadas pelas páginas sempre agressivas do periódico, muitas vezes saíam ao encalço de Menezes pelas ruas e praças de Florianópolis, dispostos a matá-lo, até. O que Menezes recebeu de socos e pontapés talvez possa conferir-lhe o título de jornalista mais agredido do Brasil.

E comprovando que sensacionalismo continua vendendo, o presente livro está tendo uma vendagem fora do normal. Tam-

bém, pudera! Menezes anunciou que pelo menos 1.000 pessoas são citadas por ele na obra.

A narrativa, depois de ater-se até quase metade do livro a historiar a vida de Manoel de Menezes, é uma sucessão de fatos que, em certa época, abalaram os alicerces da vida social e política de Santa Catarina. Amigo de alguém, hoje, Menezes não titubeava em, no dia seguinte, descarregar toda sua ira sobre essa pessoa. Episódios que estavam esquecidos foram reavivados. Menezes relembra coisas que deveriam estar enterradas para sempre.

O estilo utilizado é simples, como convém a um jornalista acostumado a escrever para gente também simples.

E fica a comprovação de que, mesmo recordando, Menezes não perdeu o costume de criticar.

— X —

## SANTA CATARINA NA INDEPENDÊNCIA,

de Aujor Ávila da Luz

Arquivos Catarinenses de Medicina — Edição Cultural n.º 2  
Florianópolis, Outubro de 1977

Depois do primeiro número desta série de publicações culturais ter obtido um êxito invulgar, fazendo republicar uma obra muito interessante do Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral, "Medicina, Médicos e Charlatães do Passado", eis que a Associação Catarinense de Medicina lança o n.º 2, trazendo uma obra póstuma, e inédita, de outro ilustre médico. Trata-se de "Santa Catarina na

Independência". Jali Meirinho, apresentando a obra, esclarece: "Escrito à luz de farta documentação, como confirmam as notas de pé de página, o valor maior deste trabalho está na revelação inédita da "Memória de João Bitencourt Pereira Machado e Souza, documento que Aujor Ávila da Luz foi encontrar no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Ja-

neiro, e que, pela primeira vez é publicado, aqui neste volume. Esta "Memória" parece ser o primeiro escrito que trata da economia da terra catarinense".

Estas edições da ACM são realmente valiosas como obras de apoio à história de Santa Catarina.

O Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, um dos incentivadores da série, em correspondência endereçada ao autor destas linhas, adiantou o que vêm por aí. No próximo ano deverão ser editadas as seguintes obras: "Crimes e Aventuras dos Irmãos Brocato", de Crispim Mira (1ª edição em 1917), hoje totalmente desconhe-

cida, com prefácio de Carlos Gomes de Oliveira; "A Febre Dengue em Santa Catarina", do Dr. José Lopes Rodrigues (1ª edição em 1889), com prefácio do Dr. Jorge Kotzias; e, ainda, "Massambú", novela descritiva do Dr. Duarte Schutel, publicada no século passado em folhetim de jornal, com prefácio (atual) do Professor Guilhermino Cesar, que redescobriu a novela, além de outros livros em programação para os anos de 1978 e 1979.

Que a Associação Catarinense de Medicina continue propugnando em prol da cultura do nosso Estado são os votos que fazemos com toda sinceridade.

— X —

## ABERTURA

**Revista editada pelo Deptº. de Letras e Laboratório de Língua da Furb  
Nº. 0. Blumenau, dezembro, 1977.**

Lançada oficialmente em solenidade realizada no mês de dezembro passado, na FURB, a Revista ABERTURA, que tem Luiz Carlos Schmitz na direção, pretende "registrar e perenizar todo um trabalho e um espírito universitário que vem amadurecendo na FURB e refletindo-se na comunidade. Dentre os vários colaboradores deste número zero (o piloto), destacamos o interessante trabalho da Professora Andrietta Lenard, "Lealdade Linguística em Rodeio", com o qual a autora defendeu tese de mes-

trado na UFSC. Obra interessante, que traz à lume fatos históricos e pitorescos relacionados com a colonização do Vale do Itajaí.

"Abertura" publica ainda as seguintes matérias: "A FURB no Vale do Itajaí", "Testagem da Aptidão para Línguas Estrangeiras", de Luiz Carlos Schmitz; "Mecanismo de Concretização", de Demerval Mafra; "Mecanismos Nasais no Português", de Davio Deschamps, e "As Nasais e a Nasalação em Português", escrita por José Campestrini.

— 11 —

## OS PRIMEIROS MORADORES DE RIO DOS CEDROS

José E. Finardi

A linha colonial "Caminho dos Tiroleses" assim foi denominada pelo fato de haverem sido os respectivos lotes, ocupados por imigrantes a maioria provindos do Tirol Austríaco.

A entrega oficial dos primeiros quarenta títulos de posse, assinados pelo dr. Blumenau, se deu a 5 de setembro de 1876 e, em datas posteriores, os títulos referentes aos lotes das demais linhas coloniais componentes do atual território de Rio dos Cedros.

Consignamos, a seguir, o número de cada lote e sua área bem como os auxílios recebidos por cada ocupante:

Lote Nº.	Nome dos imigrantes e familiares	Área m2	Auxílios recebidos
1	Mansueto Conti, de Trento e esposa Maria Gotardini e 2 filhos: Alfonso, de 5 anos e Emma, 1 ano.	225.650	388\$180
2	Giovanni Casatti, de Capiati (Treviso) e esposa Giuseppa Rampinelli e filho Vittorio, de 7 anos.	196.373	549\$160
4	Emmanoele Moser, de Civezzano, filho de Francesco Moser. Em 1—5—76 casou com Angela Chiogna.	211.198	339\$440
5	Giacomo Zanluca, de Volano e esposa Barbara Barbolini e 2 filhos: Giuseppe, de 22 anos e Angela, 14 anos.	211.198	— —
8	Giovanni Baptista Ghessi e esposa Barbara Ghessi.	195.453	406\$760
9	Vitale Ronchetti, de Trento e esposa Catharina Dorrigo e 5 filhos: Silvia, 12 anos; Nice, 11; Thulia, 7; Fiorina, 5 e Agnese, 3 anos.	195.453	653\$550
10	Giacomo Dallabona, de Trento e esposa Maria e 6 filhos: Simão, 14 anos; Maria, 15; flechada pelos Índios; Maria, 17 anos; Giovanni, 2; Ermínia, 1 ano e Alberto, 2 meses.	220.239	562\$140
12	Valentino Dorigatti e esposa Anna. Transferido a Joaquim José Ribeiro, que casou com a viúva Anna Dorigatti.	219.409	308\$700
14	Giovanni Baptista Michelatti e esposa Luígia Mattini. Transferido a Carlos Hordina, em 25—3—91.	232.000	536\$360
16	Domenico Vicenzi, de Segonzano e esposa Catharina Paulazzi e 3 filhos: Antonio, 9 anos;		

	Paolo, 6 e Maria 2 anos.	159.520 357\$360
17	Giuseppe Chiogna, de Cognola, A. e esposa Rosa Paissani e 1 filha: Maria, de 27 anos. Transferido a Francesco Moser Neto, em 27—9—95.	354.003 317\$380
19	Francesco Oss Emer	209.000 188\$780
21	Carlo Travaglia, de Trento e esposa Maria Boni e 2 filhos: Pietro, de 2 anos e Anna, de 1 ano.	228.512 255\$880
22	Giovanni Baptista Voltolini, de Volano e esposa Columba Stingham e 4 filhos: Manoel, 14 anos; Giovanni Baptista, 11; Emilia, 9 e Maria 4 anos.	214.000 490\$090
23	Davide Oberzimer, de Trento e esposa Irene Zanella.	254.414 188\$340
24	Sigismondo Menestrina, de Supramonte, Trento, Austria e esposa Angela Capelletti e 3 filhos: Albino, 18 anos; Celeste 15 e Maria 10 anos. Transferido ao filho Celeste Menestrina.	263.000 243\$000
25	Francesco Moser, de Civezzano e esposa Elisabetha Genari e 2 filhos: Emmanoel, de 30 anos e Augusto, 25 anos. Transferido a Joaquim Tomaz Moser.	228.000 455\$160
28	Giuseppe Pellini, de Feltre e esposa Giovanna Comida e 3 filhos: Maria, 15 anos; Ambrogio Bogo, 14 e Giuseppe, 11 anos.	219.997 576\$680
29	Girolamo Carlini Senior, de Pergine e esposa Maria Anna Sambone e 4 filhos: Rosa, 27 anos, Geronimo, 23; Giovanni, 16 e Guerino. Transferido ao filho Giovanni em 26—8—96.	178.468 425\$240
31	Giacomo Nonez, de Meamo, Trento e esposa Catharina Nardelli e 6 filhos: Domenica, 22 anos; Maria, 21; Domenico, 10; Angela Josefa, 9; Angelo, 7 e Francesco, 6 anos. Transferido a Emmanoel Moser, em 13—4—1908.	119.403 537\$180
32	Guerino Carlini, de Vigolo Vattaro, filho de Girolamo Carlini Senior.	203.000 8\$000
33	Frederico Donner	215.000 268\$480
35	Giovanni Baptista Zanetti, de Segonzano, Tr. e esposa Catharina Feller e 2 filhos: Giovanni, 11 anos e Maria, 1 ano. Transf. a Bernardo Schiochet.	200.000 517\$880
37	Bortolo Cristofolletti, de Meano e esposa Cecilia Andreoli e 3 filhos: Giuseppe, 3 anos; Carolina, 1 e Giovanni, 8 anos, falecido em	

	19—6—79, com 11 anos.	200.800	357\$380
38	Giovanni Baptista Trentini e esposa Margherita Chiste, filho de Giovanni Baptista Trentini e Tereza.	215.000	423\$480
40	Girolamo Tiso, de Samone e esposa Leopolda Dallamaria e 2 filhas: Maria, 11 e Carolina 8 anos.	212.000	220\$200
41	Giuseppe Fiemazzo, de Vill'Agredo 20 anos, com a mãe Agatha Sandrioni e a irmã Maria, de 11 anos. Transferido a Martin Pagett, que veio a casar com a viuva de Giuseppe.	232.000	220\$200
43	Domenico Pasquali, de Volano e esposa Luigia Gelmi e 1 filha: Maria, de 2 anos.	215.710	202\$700
43A	Thereza Vallarsa Gretter, de Villazano, viuva de Andrea Gretter e 4 filhos: Gioachini, 12 anos; Maria, 7; Giovanni, 6 e Fortunata Anna, 4 anos. Transferido a Luigi Berloffia.	250.710	549\$680
44	Pietro Tamanini, de Vigolo Vattaro e esposa Domenica Giacomelli. Transferido a Gustavo Salinger & Cia, em 13—4—1908.	191.562	310\$680
46	Albino Menestrina, de Supramonte, filho de Sigismondo Menestrina, solt.	191.600	226\$360
47	Domenico Furlani, de Vigolo Vattaro e esposa Catharina Perrotti e 4 filhos: Catharina, 9 anos; Luigi, 6; Amabile, 4 e Giovanni, 3 anos. Transferido ao filho Giovanni Furlani, em 19—7—1907.	217.812	596\$980
48	Angelo Nasato, de Strana, Treviso e esposa Anna Nati e 1 filho Pietro, de 23 anos. Transf. ao filho Pietro.	209.625	136\$380
49	Geremia Tamanini, de Vigolo Vattaro e esposa Valentina e 2 filhos: Fortunato, 11 anos e Catharina, 10 anos.	219.992	544\$780
51	Emilio Menestrina, de Supramonte. Transferido a Albino Menestrina.	220.000	95\$000
52	Bernardo Schiochet, de Feltre e esposa Antonia De Giulian e 1 filho: Gabriele, de 1 ano.	207.000	96\$680
53	Giovanni Maria Zanella, de Lentiai	209.000	181\$700
54	Emmanoele Agostini, de Fornace, solt.	340.300	— —
55	Gaetano Dorigatti, de Cognola, Tr. 23 anos e esposa Tereza Ravanelli e 3 filhos: Carlos, 7 anos; Paulino, 4 e Vittorio, 1 ano.	219.997	459\$080
56	Luigi Raffaelli, de Volano, 21 anos, solteiro, filho de Giuseppe Raffaelli. Transferido a Agostino Largura.	232.320	133\$080

57	Alessandro Raffaelli, de Volano, Revoreto, de 23 anos, filho de Giuseppe Raffaelli. Em 1—5—76 casou com Elisabeth Pergher.	195.995	209\$580
58	Giuseppe Raffaelli, de Volano e esposa las. nupcias Rosa Lasta e 2as. nupcias Maria Volani e 5 filhos: Luiza, 27 anos, Alessandro, 23; Luigi, 21; Giovanni Baptista, 16 e Maria, 11 anos. Transferido ao filho Giovanni Baptista.	215.400	422\$660
59	Domenico Dallabrida, de Vigolo Vattaro e esposa Catharina Tamanini, ele filho de Valentino Dallabrida.	197.000	276\$880
61	Giovanni Baptista Floriani, de Vill'Agnedo e esposa Tereza Antonia Paternolli e 2 filhos: Luigi, 17 anos e Eugenio, 6 anos. Transf. ao filho Luigi.	200.000	218\$580
61A	Pietro Floriani, de Vill'Agnedo e esposa Laura Paternolli e 7 filhos: Maria, 17 anos; Giuseppe, 15; Adele Tereza, 13; Giovanna, 9; Celso, 5 e 1 filha de 4 anos, falecida em 24—9—78.	219.997	588\$980

Em datas posteriores, receberam seus  
Títulos de Posse, os seguintes colonos:

3	Joaquim Capoletti	274.999	285\$280
6	Nicolao Dematé, de Trento e esposa Tereza Barbara Pontaldi e 4 filhos: Francesco, 15 anos; Virgilio Appolinario, 19; Clemente, 13 e Rosa, 11 anos. Transferido a José Claudino Martins	211.198	655\$560
7	Augusto Moser, de Civezzano, viuvo, filho de Francesco Moser. Transf. a Maximiliano Moser.	195.453	— —
11	Balthazar Dallabona. Em 16—2—91, transferido a José Januario.	204.935	276\$320
13	Bortolo Ferrari e esposa Madalena Zanella. Transf. em 2-8-912 a Carlos Hordina.	225.110	437\$520
15	Virgilio Nicolatti. Transferido em 27—5—97 a João Raimundos dos Anjos.	244.197	295\$880
18	Antonio Oss Emer, de Pergine, filho de Domenico Oss Emer.	201.500	422\$000
20	Domenico Oss Emer, de Pergine e esposa Giovanna Marchetti e 5 filhos: Ursula, 22 anos; Antonio, 20; Angela, 18; Anna, 10 e Luigi, morto por uma onça, com 12 anos. Transf. a Joaquim Moser.	212.000	170\$000
26	Giovanni Chiste	222.001	367\$980
27	Gerolimo Carlini Filho, 23 anos, solteiro, filho de Gerolimo Carlini Sr.	230.000	— —

30	Igreja e Cemiterio	205.675	—	—
34	Giobbe Picoli e esposa Francesca Voltolini.	215.000	268	\$480
36	Giuseppe Cristofolotti, de Sevio, Tr. filho de Bortolo Cristofolotti. Transferido a Carlos Bevilan.	213.000	—	—
39	Paolo Valcanaia, de Vigolo Vattaro, filho de Paolo Valcanaia. Titulado em 30—7—80.	45.000	374	\$000
41A	Cypriano Bombasaro, de Vill'Agnedo filho, de Pietro Bombasaro e Bernardina, de 37 anos e que em 1—5—76, casou com Agatha Sandriani, viuva de Giovanni Fiemazzo. Transf. em 30—9—89 a Antonio Da Rui, de Melli, Beluno, casado com Paulina Tamborlini e 1 filho: Giuseppe Da Rui, de 5 anos.	227.000	—	—
41B	Giuseppe Pellini, de Feltre, filho de Giuseppe Pellini. Tit. em 28—3—93.	216.000	—	—
41C	Guerino Carlini, de Vigolo Vattaro, filho de Girolamo Carlini Senior.	217.000	—	—
42	Giacomo Doriggi	221.387	465	\$580
43B	Davide Lorenzo Agostini, de Matarello, filho de Davide Agostini. Transferido a Giovanni Mastelatto.	199.998	—	—
45	Fiorino Nasato, de Strana, Treviso e esposa Domenica Poretta e 2 filhos; Antonio, 25 anos e Giuliano, 18 anos. Transferido ao filho Giuliano .	207.999	262	\$940
50	Caetano Devigili, de Pocchi, Tr. e esposa Catharina Varlon e 2 filhos: Gaetano, 12 anos e Beniamino Ignazio, de 8 anos.	208.162	462	\$480
51A	Giovanni Zanella, de Lentiai, Bel. e esposa Lucia Marcoleone e o filho Innocenzo, de 6 anos. Transferido ao filho Innocenzo em 18—6—91.	328.989	—	—
51B	Francesco Menel — em 30—1—80	268.800	112	\$330
57A	Giovanni Volani, de Volano e esposa Tereza Gelmi e 3 filhos: Giovanni Baptista, 16 anos; Giuseppe, 12, e Rosa, 10 anos. Transf. ao filho Giuseppe.	199.995	—	—
60	Giacomo Doriggi	202.399	—	—
62	Giovanni Mastelotti, de Villa de Vila e esposa Giovanna da Rui e 2 filhos: Philomena, 16 anos e Giovanni, 7 anos. Transferido a Artiglio Dalcanale.	193.425	—	—
63	Beniemino Bertoldi, de Matarello, filho de Giovanni Baptista Bertoldi.	193.425	—	—
64	Luigi Busarello. Titulado em 1—12—91	196.600	—	—

65	Giovanni Floriani. Titulado em 5—4—92	196.600	—	—
66	Antonio Murara, de Vill'Agnedo e esposa Anna Agnolo e 1 filho: Paulo Murara, de 21 anos. Transf. ao filho Paulo.	196.397	—	—
66A	Giuseppe Floriani, de Villa'Agnedo, filho de Pietro Floriani.	155.765	—	—
67	Francesco Murara, de Strigno e esposa Giovanna Berlanda e 4 filhos: Giuseppe, 5 anos; Domenico, 4; Angelo, 3 e Antonio, 1 ano.	196.600	—	—
68	Giacomo Bertoldi, de Matarello, filho de Giovanni Baptista Bertoldi. Titulado em 28—3—93.	196.600	—	—
68A	Giovanni Berti, de Torcegno, Tr. filho de Giovanni Berti. Titulado em 1—10—92	174.185	—	—
68B	Giuseppe Murara, de Villa'Agnedo, filho de Francesco Murara.	300.375	—	—
69	Francesco Pradi — titulado em 7—7—94	194.937	—	—
70	Luigi Bassani, de Villa Verla e esposa Oliva Frattini e 1 filho: Isidoro, com 1 ano. Titulado em 31—8—80.	194.137	—	—
71	Pietro Trentini, de Villa Verla, Vicenza e esposa Catharina Costalunga e 2 filhos: Alessandro, 5 anos e Luigi, 1 ano.	260.261	—	—
72	Giovanni Demarchi, de Levico e esposa Amalia Ponti e 5 filhos: Genoveva Carolina, 7 anos; Mathilde Seconda, 5; Valentino, 4; Gertrudes, 2 e Antonio, 1 ano.	260.261	—	—

### LINHA COLONIAL CEDROS, MARGEM DIREITA

Titulos expedidos em 6 de Setembro 1876

34	Luigi Purin	208.280	460	\$260
36	Davide Oberziner, de Trento, filho de Giosué Oberziner e esposa Irene Zanella.	185.400	594	\$400
37A	Michell'Angelo Ropelatto, de Ospedaletto, solteiro, 35 anos.	91.900	121	\$680
38	Napoleone Trisotto, de Samone, 26 anos, solteiro. Transf. a Adone Paternolli.	216.500	613	\$160
40	Bortolo Busarello, de Ospedaletto e esposa Catharina Baldo e 1 filha: Tereza de 17 anos.	266.998	375	\$580
41	Alessandro Paterno, de Scorello, Tr. Esposa: Santa Sala e 2 filhos: Luigi Paterno, de 4 anos e Lino, de 2 meses.	268.997	181	\$280
43	Fortunato Corrente, de Vill'Agnedo e esposa Anna Bombasaro e 2 filhos: Antonio, 36 anos e Giuseppe, 16 anos. Transferido ao filho An-			

tonio.	230.990	419\$880
47 Antonio Vasselai	224.900	273\$680

**Linha CEDROS, Margem esquerda**

39 Domenico Piazera, de Vigolo Vattaro e esposa Domenica Kulzer e 3 filhos: Angela, 7 anos; Vit- torio, 5 e Luigia, 1 ano, falecida em 29—5—76.	206.315	352\$600
40 Giovanni Baptista Bortolini	142.325	134\$000

**Em datas posteriores receberam seus Titulos  
de posse, os seguintes colonos:**

**Linha CEDROS, Margem Direita**

35 Batista Busarello, de Ospedaletto	278.000	— —
36B Virgilio Voltolini, de Grigno, 24 anos filho de Pietro Voltolini.	35.649	— —
36C Giovanni Berti, de Torcegno, filho de Giovanni Berti .	35.999	— —
36D Davide Agostini, de Matarello e esposa Roma- na e 3 filhos: Maria, 10 anos; Davide Lorenzo, 7 e Cesare, 4 anos .	162.200	— —
37 Giovanni Baptista Vasselai, de Vill'Agnedo e esposa Mathilde e 3 filhos Lino, 19 anos; Ma- ria, 14 e Lina, 11 anos. Transf. ao filho Lino em 24—11—92.	352.500	— —
37B Giuseppe Corrente, de Vill'Agnedo, filho de For- tunato Corrente.	91.900	— —
39 Domenico Riccieri Busarello, de Ospedaletto, 20 anos e esposa Augusta Baldo, falecida em 29—9—1880.	272.900	— —
39A Giuseppe Floriani, de Vill'Agnedo, filho de Pietro Floriani.	72.000	— —
41A Alessandro Lenzi e esposa Maria Grolla	99.583	— —
42 Franiesco Sandri, de Vill'Agnedo e esposa Maria Pasqualini e 3 filhos: Luigi, 9 anos; Be- niamino, 3 e Antonio, 2 anos.	254.995	592\$380
43 Pietro Paternolli de Vill'Agnedo e esposa Ma- ria Ropelatto.	240.901	358\$620
44 Francesco Valandro, de Castelnuovo e esposa Candida Bastiani e 2 filhos: Luigia, 13 anos e Augusto, 5 anos.	234.995	338\$980
45 Felice Bona, de Besogno, Tr. e esposa Luiza Passerini e 4 filhos: Geronimo, 13 anos; Maria, 11; Ida, 6 e Virgilio, 4 anos. Transferido ao filho Virgilio.	227.997	280\$080
48 Pietro Osti, de Ospedaletto, 33 anos, solteiro.		

	Em 1—5—76 casou com Emma Faustina Tomasselli.	219.997	315	\$380
48A	Luigi Osti, filho de Pietro Osti	62.111	—	—
49	Antonio Giacomozzi, de Segonzano. Esposa Maria Martini e 3 filhos: Francesco, 3 anos; Catharina, 5 e Antonio, 2 anos.	219.997	162	\$280
50	Bazilio Leitenbergher, de Folgarina, solteiro. Transf. a Francesco Giacomozzi.	219.997	—	—
50A	Francesco Giacomozzi, de Segonzano, filho de Antonio Giacomozzi.	38.400	—	—
51	Ludovico Campestrini, de Torcegno e esposa Maddalena Berti e 3 filhos: Maria Maddalena, 24 anos, Anna Maria, 13 e Rosa, 12 anos. Titulado em 29—8—92.	234.996	—	—
52	Giuseppe Campestrini, de Torcegno, Tr. esposa Fortunata Bolli e 5 filhos: Elisabetha Francesca, 11 anos; Margarida, 8; Domenico, 7; Tereza, 6 e Silvio, 2 anos. Titulado em 24—11—92.	270.497	—	—
54	Domenico Daltrozo, de Turgino, Tr. Esposa Arcangela Dal Castagné e 1 filho: Giuseppe. Transferido ao filho Giuseppe.	302.101	—	—
55	Francesco Lenzi, de Torcegno. Esposa Ursula Dietre e 1 filho: Luigi, de 24 anos, solt. Tit. em 28—12—88.	302.101	—	—
56	Zacaria Zanghelini, de Strigno Transf. em 25—8—96 a João Maes.	302.001	—	—
57	Henrique Klug	222.920	—	—
58	Giuseppe Floriani, de Vill'Agnedo, filho de Giovanni Baptista Floriani e Tereza Sandri. Transferido a Emilio Wurz em 20—6—90.	200.250	—	—
65E	Germano Bona, de Besogno, filho de Felice Bona.	30.622	—	—

#### Linha CEDROS, Margem Esquerda

52	Pietro Antonio Campestrini	297.839	—	—
53	Luigi Dalcanale, de Borgo, Tr. Esposa Catharina Caum e 2 filhos: Luigi, de 10 anos e Artiglio, de 6 anos. Transferido ao filho Luigi. Tit. 4—4—93.	288.599	—	—
54	Luigi Dalcanale, Filho — de Borgo, Tr. Titulado em 15—9—90.	302.500	—	—

#### LINHA RIBEIRÃO SÃO BERNARDO, MARGEM DIREITA

1	Antonio Nasato, de Strana, Treviso, filho Fiorino Nasato	302.500		
---	--	---------	--	--

2	Victor Zanella. Titulado em 23—1—89	302.500
3	Andrea Largura	302.500
3A	Eugenio Floriani, de Vill'Agnedo, titulado em 10-1-95.	335.247
4	Alessandro Trentini, de Villa Verla	302.500
5	Giovanni Largura, de Lentiai, titulado em 13-10-88.	302.500
5A	Fioravante Zanella	217.093
6	Luigi Largura, de Lentiai. Titulado em 13-10-80	302.500
7	Angelo Largura, de Lentiai. Titulado em 22-10-89.	302.500
8	Giovanni Zoppelaro. Titulado em 8-2-89	302.500
9	Giacomo Andreatza. Titulado em 1-2-92	302.500
10	Domenico Sanson. Titulado em 20-1-94	302.500
11	Giacomo Largura	266.829
12	Luigi Brancher	274.171
13	Domingos Machado da Veiga	235.896
14	Torquato Hilario da Veiga	247.178

#### LINHA RIBEIRÃO SÃO BERNARDO, MARGEM ESQUERDA

1	Domingos Lazzarini —titulado em 8-2-89.	302.500
2	Giuseppe Schiochet, de Lentiai. Tit. 13-10-88 filho de Giovanni Schiochet.	302.500
3	Giovanni Schiochet, de Lentiai e esposa Antonia De Giulian Tit. 13-10-88.	302.500
4	Modesto Campestrini. Titulado em 27-10-88	302.500
5	Sebastiano Demarchi, de Villa Verla, filho de Giovanni Demarchi.	302.500
6	Antonio Schiochet, de Lentiai. Tit. 13-10-88	302.500
7	Giacintho Bertoldi. Titulado em 21-2-90	302.500
8	Giuseppe Zoboli, de Robiera e esposa Rita Bonezzi. Titulado em 8-2-89.	302.500
9	Giovanni Schiochet Filho, de Lentiai. Titulado em 17-8-89.	302.500
10	Luigi Feltrini. Titulado em 3-12-91	302.500
11	Raymondo Dal Castagné, de Torcegno e esposa Rosa Campestrini. Tit. em 11-1-91.	302.500
12	Antonio Lazzarini. Titulado em 22-6-92	302.500
13	Agostino Largura, de Lentiai. Titulado em 10-8-92.	302.500
14	Manoel Salvador Filho. Titulado 10-2-97	302.500
15	Henrique Klug	302.500
16	Jacob Strauber	302.500
17	Andrea Largura	302.500

#### TRAVESSÃO DE TIROLESES

1	José Joaquim Ferreira de Mello	302.500
1A	Vergilio Bona, de Besogno, filho de Felice Bona	326.109

2	Giacomo Dallabona, de Trento	302.500
2A	Francesco Nonez, de Meano, filho de Giacomo Nonez. Titulado em 8-8-92	302.500
3	Simão Dallabona, de Trento, filho de Giacomo Dallabona.	302.500
4	Domenico Nonez, de Meano, filho de Giacomo Nonez.	302.500
4A	Giovanni Dallabona, de Trento, filho de Giacomo Dallabona. Titulado 8-8-92	280.623
5	Francesco Dematé, de Trento — filho de Nicolao Dematé	302.500
5A	Alfonso Conti, de Solano, filho de Mansueto Conti. Titulado em 8-8-92	282.873
6	Emmanoele Antonio Voltolini, de Volano, filho de Giovanni Baptista Voltolini. Titulado em 8-6-92.	302.500
6A	Pietro Travaglia, de Trento, filho de Carlo Travaglia. Titulado em 8-6-92.	281.799
7	Domenico Voltolini	302.500
8	Giovanni Zanetti, de Levico, filho de Giovanni Zanetti.	302.500
9	Angelo Nonez, de Meano, filho de Giacomo	302.500
10	Giuseppe Cristelli, de Segonzano, filho de Giovanni Cristelli.	302.500

#### LINHA FUNDOS ESTRADA DOS POMERANOS

102A	Geronimo Demarchi, de Villa Verla, Vicenza, filho de Bortolo Demarchi.	16.000
106A	Giuseppe Giovanella, de Cembra, 19 anos, filho de Giovanni Giovanella. Transferido em 13-7-92 a Caetano Marchetti.	300.007
110A	Clemente Nicolodelli, filho de Pietro Nicolodelli.	269.999
114A	Pietro Nicolodelli, de Albiano e esposa Rosa Filippi e 1 filha: Oliva, de 4 anos.	300.007
118A	Aleandro Lenzi, de Samone, filho de Damiano Lenzi.	295.999
120A	Giovanni Vicenzi	297.998
128A	Mansueto Mengarda, de Samone	299.997
128B	Angelo Tomaselli, de Stringo, filho Domenico Tomaselli. Tit. 23-3-91.	230.989
132A	Virgilio Voltolini, de Grigno, filho de Pietro Voltolini.	127.538
134A	Armenio Zanghelini, de Samone, filho de Antonio Zanghelini.	128.000
140A	Michele Barato — titulado de 15-12-94	228.999
142A	Achille Bagatoli, do Tyrol, filho de Septimo Bagatoli. Tit. em 15-12-94.	211.958

10	F. Sperandio Bendotti	215.050
80A	Giacintho Dalmonico	184.500

### LINHA RIBEIRÃO FORTUNATA

11	Luigi Giovanni Furlani, de Vigolo Vattaro filho de Donico Furlani. Titulado em 14-4-93.	302.500
12	Zacharia Zanghelini, de Stringo, filho de Antonio Zanghelini.	302.500
13	Antonio Oss Emer, de Pergine, filho de Domenico Oss Emer.	302.500
15	Antonio Oss Emer — idem — idem	302.500
16	Giacintho Dallabrida. Tit. em 5-12-94	302.500
17	Domenico Tamanini, de Vigolo Vattaro, filho de Pietro Tamanini. Tit. 29-10-91.	302.500
18	Giuseppe Odorizzi, de Albiano, filho de Antonio Odorizzi.	302.500
21	Gioachino Gretter, de Villazano, filho de Andrea Gretter. Titulado em 30-7-97	302.500
22	Giovanni Gretter, de Villazano, filho de Andrea Gretter.	302.500
23	Antonio Oss Emer Junior	302.500
34	Antonio Oss Emmer Junior	302.500

### Primeiros moradores da Povoação de Encruzilhada atual cidade de Rio dos Cedros

1 — Agostino Bernachio	13.779	— 2 — Henrique Klug	4.462
3 — Agostino Bernachio	4.317	— 4 — Henrique Klug	3.896
5 — Lorenzo Pisetta	3.997	— 6 — — — —	6.848
7 — Giovanni Longo	3.997	— 8 — Giuseppe Longo	5.701
9 — Giovanni Longo	4.176	— 10 — Luigi Trentini	6.267
11 — Giovanni Longo	5.077	— 12 — Giovanni Trentini	6.267
13 — Tercilio Casonati	7.850	— 14 — Giuseppe Bona	5.285
15 — Giovanni Longo	6.548	— 16 — Silvio Campestrini	7.560
17 — Giovanni Longo F <sup>o</sup> .	6.560	— 18 — Achille Campes-trini	7.560
19 — Luigi Purini	7.850	— 19A — Luigi Purini	6.956
20 — Giuseppe Bona	7.560	— 21 — Carlo Marzani	6.838
23 — Luigi Purini	2.450	— 31 — Virgilio Campes-trini	6.547

# A Filatelia em Blumenau

Renato Mauro Schramm

Em solenidade realizada dia 05 de novembro, que contou com as presenças do Senhor Prefeito Municipal de Blumenau, Dr. Renato de Mello Vianna, Sr. Dr. João Porto Walraven DD Diretor Regional da Empresa Brasileira de Correios e Telegrafos, Dr. Valério José Steil, Presidente da Câmara de Vereadores, Presidente e Vice-presidente do Clube Filatélico de Blumenau, Presidente da LABRE de Santa Catarina, além de um enorme número de filatelistas e radioamadores do Estado, foi oficialmente lançado em Blumenau, na Galeria Municipal de Artes, um selo comemorativo em homenagem ao Dia do Radioamador. (FOTO)



Brasil 77 130

DIA DO RADIOAMADOR

Na ocasião foi aberta uma mostra de Cartões Postais QSL do Clube de Radioamadores de Blumenau, pertencentes ao Dr. Wilson Gomes Santhiago e Cartões Máximo Postal pertencente a este articulista.

Na mesma oportunidade o Prefeito Municipal, através a Lei n.º. 2295 declarou de Utilidade Pública Municipal o Clube Filatélico de Blumenau.

Além disso foi feita entrega ao Diretor Regional da ECT, de um vasto memorial descritivo contendo dados e informações sobre os Clubes de Caça e Tiro, hoje em número de 33 só em Blumenau.

Pretendemos com isso, homenagear com um selo comemorativo, no próximo ano, dentre as emissões folclóricas da ECT, esses clubes que tantas glórias tem dado à Blumenau.

Ainda dentre as novidades, lembramos que, acabamos de editar uma coluna semanal (sai todas as quintas-feiras), no Jornal de Santa Catarina, sob o título SANTA CATARINA FILATÉLICA. Recomendamos a todos sua leitura, pois, além das novidades nacionais e internacionais, procuramos sempre divulgar uma série de artigos técnicos do mais alto interesse para os filatelistas.

Lembramos ainda que o Clube Filatélico de Blumenau continua com suas reuniões semanais todos os sábados, a partir das 15 horas no Teatro Carlos Gomes.

Chamamos à atenção dos antigos filatelistas para que compareçam às nossas reuniões para incentivar os jovens e, principalmente para transmitirem seus indispensáveis conhecimentos. Pretendemos juntar o maior número possível de filatelistas para as comemorações do 40.º aniversário do Clube Filatélico de Blumenau, que acontecerá dia 06 de fevereiro do próximo ano.

# Subsídios para a História do Vale do Itajaí

EXCERTOS DO "KOLONIE-ZEITUNG" (JORNAL DA COLÔNIA),  
EDITADO EM JOINVILLE, A PARTIR DE 20 DE DEZEMBRO DE 1862.

(Coordenação e tradução: ROSA HERKENHOFF.)

"Kolonie-Zeitung" n. 1 — 20 de dezembro de 1862:

Os arredores da colônia Terezópolis e do Itajaí-Mirim, ultimamente tem sido molestados pelos bugres (indígenas da tribo dos botocudos). Um bando de quatro homens assaltou a saqueou uma casa na colônia Brusque, depois de ter ferido a dona da casa com uma flechada no braço e esta ter fugido espavorida. Um homem do grupo, verdadeiro gigante, vestido com roupa listada, demonstrou ser o chefe. Não satisfeitos com o acontecido, aproximaram-se, rastejando, de outra casa de colono. Uma criança que se achava sentada diante da casa, notou a presença dos índios e chamou o pai, gritando-lhe para vir depressa ver os enormes animais que vinham rastejando. O colono imediatamente agarrou uma espingarda, saindo pela porta da frente. Neste instante, os quatro indivíduos, repentinamente e de uma só vez, se ergueram preparando-se para o ataque. O colono, porém, atirou e acertou o primeiro no peito, debaixo do braço.

Diante disso, os quatro fugiram rapidamente. É de se notar que a estação atual é exatamente a mais perigosa. No inverno e na primavera, os pinhões oferecem alimento suficiente aos índios, mas agora este começa a escassear a falta atrai os bugres das montanhas para as baixadas cultivadas, onde as espigas de milho justamente começam a sazonar. No ano passado, em vários assaltos à colônia Brusque, todas as espigas de milho foram tão astuciosamente extraídas das folhas que as envolvem, que os colonos somente notaram o prejuízo, quando pretendiam colher o cereal.

— — —  
"Kolonie-Zeitung" n. 14-4 de abril de 1863:

O Governo autorizou o diretor da colônia Blumenau a mandar vir neste ano, somente 500 colonos, recomendando ao cônsul brasileiro em Hamburgo, facilitar o mais possível essa expedição.

— — —  
"Kolonie-Zeitung" n. 17 — 25 de abril de 1863:

Recentemente a região do Itajaí-Mirim foi de novo atacada pelos indígenas. Um grupo atacou uma serraria nas proximidades da colônia Brusque, matando a flechadas tres dos operários ali ocupados, dois brasileiros e um belga, de nome Thon Dittmar. O Presidente enviou o Tenente Mello da Polícia, acompanhado por alguns soldados a fim de livrarem a região dos bugres e para a proteção dos colonos.

**"Kolonie-Zeitung" n. 18 — 2 de maio de 1863:**

O trabalhador morto há pouco tempo pelos bugres no Itajaí-Mirim, Thon Dittmar, não era belga, conforme foi anunciado por engano, e sim descendente da antiga família bávara do Barão de Thon Dittmar. Seu fim foi trágico. Quando dois de seus colegas de trabalho caíram varados pelas flechas, ele procurou salvar-se, jogando-se no rio para alcançar a margem oposta. Alcançou-a realmente, mas viu-se cercado por outro grupo de bugres, do qual procurou fugir. Não conseguiu ir muito longe, pois levou flechadas, sendo massacrado pelos inimigos, os quais em seguida, partindo-lhe o crâneo, extraíram a massa encefálica, que os bugres apreciam como complemento de bebida. Em seguida fugiram apressadamente, abandonando o corpo. Um outro trabalhador, que também se atirara ao rio para fugir, nadando e mergulhando de vez em quando, conseguiu alcançar a serraria, são e salvo, dali assistindo toda a cena acima descrita.

— — —  
**"Kolonie-Zeitung" n. 18 — 2 de maio de 1863:**

A 27 próximo passado foram expedidos novamente 26 trabalhadores, dos quais 13 de Itajaí e Blumenau, por navio para o porto de Santos.

— — —  
**"Kolonie-Zeitung" n. 18 — 2 de maio de 1863:**

**ANÚNCIO:**

Dicionários alemão-português, livros de conversação, interpretação, catecismos, livros de História Sagrada e de orações para ambas as confissões, Bíblias. Livros de leitura e cartilhas, enciclopédias e diversos outros livros, tem sempre em estoque por preços reduzidos — Victor Gaertner, em Blumenau.

---

## **O movimento cultural e romântico em Blumenau desde o século passado até o período anterior a segunda grande guerra mundial**

\_\_\_\_\_  
José Gonçalves

Graças à formação constituída de alta sensibilidade que sempre caracterizou o povo de origem germânica, Blumenau teve, nos primeiros dez anos de sua fundação, os seus primeiros clubes de cantores, o seu primeiro teatro e a sua primeira sociedade de atiradores.

Esse movimento que procurou sempre preservar a cultura tradicional trazida pelos imigrantes alemães, ampliou-se substancialmente através dos anos, tendo surgido mais tarde o Teatro Frohsinn o qual permaneceu em franca atividade até poucos anos antes da Segunda Guerra Mundial, tendo então sido transformado no hoje majestoso Teatro

Carlos Gomes. Do primeiro clube de Atiradores surgido, em 1860, chegou-se a mais de trinta até 1935, quando o atual município de Pomerode ainda era distrito de Blumenau. Tudo desapareceu no período da guerra. Depois do conflito, demoraram alguns anos para ressurgirem algumas das sociedades.

Mas o espírito pioneiro do povo alemão, aliado à ansiedade de viver em comunidade em reuniões festivas, transferido para as gerações que se sucederam, fez com que novo alento viesse dar a Blumenau a situação extraordinária de hoje, quando temos, só de sociedade de atiradores "Schützen-Verrein", no município, trinta e quatro. Essas sociedades, além de outras que praticam outros esportes e são recreativas, formam um potencial comunitário que tem possibilitado deixar transparecer no blumenauense um arraigado espírito de fraternidade, de hospitalidade, de respeito às leis e às autoridades constituídas, além da comunicação fácil e afetiva. Não restam dúvidas, no entanto, que, face à campanha por demais violenta e até certo ponto injusta levada a efeito pelas autoridades catarinenses na repressão contra nazi-fascismo em nossa região, muito se perdeu daquele espírito de criatividade cultural do povo descendente dos colonizadores germânicos. Não culpamos o espírito da lei de nacionalização, nem tão pouco todos os titulares a cujo cargo estava a aplicação da lei. Somente alguns membros da equipe policial especial é que praticaram barbaridades influenciados por elementos que procuraram fazer vingança pessoal contra criaturas inocentes que, na maioria das vezes, possuíam o espírito de brasilidade — por terem nascido brasileiros — muito mais acentuado do que aqueles que se diziam donos da nacionalidade. O terror espalhado entre os descendentes alemães e também italianos, fez com que muitos entusiastas da conservação dessas belas tradições trazidas pelos pioneiros europeus, se sentissem injustiçados e frustrados mesmo como brasileiros e afastaram-se definitivamente desse trabalho de elevado cunho cultural.

## FOLCLORE BLUMENAUENSE

Já houve muita pergunta sobre se existe um folclore blumenauense. Isso depende do que se pode incluir dentro do rol que envolve tudo o que deva ser considerado folclore. Por exemplo, Raul Deeke, figura inteligente, um blumenauense de saudosa memória, deixou registrado, no livro do "Centenário de Blumenau", à página 369, um trabalho exuberante, que consideramos de um valor inegalável, na definição de um aspecto folclórico, que é o sistema de comunicação adotado entre os alemães imigrantes e os açorianos-portugueses que povoaram o litoral catarinense. No final de seu magnífico trabalho, Raul Deeke divide as suas conclusões em três tópicos seguintes: "a) — Não existe um folclore regional em Blumenau, e os costumes e crenças dos blume-

nauenses são os dos brasileiros em geral, um pouco mesclados dos tradicionalismos de seus antepassados; b) — existia temporariamente uma base sadia para a formação de um folclore regional, mas a rápida evolução fê-la desaparecer; c) — Para o futuro não perdurará também a maneira interessante de falar, que os colonos descendentes de alemães empregam com os seus patricios descendentes de portugueses, porque todos tem possibilidades de freqüentar boas escolas”.

Portanto, ainda hoje, passados vinte e sete anos da opinião emitida pelo saudoso conterrâneo Raul Deeke, nós continuamos a afirmar: não existe um folclore especificamente blumenauense. Aliás, o folclore considerado o mais brasileiro de todos os existentes hoje no Brasil, é de procedência européia ou africana. O “Boi de Mamão” o afro-brasileiro muito generalizado no nordeste e tantos outros, a exceção do folclore selvícola brasileiro, nenhum é genuinamente nosso. É pena que tão pouca importância se tem dado ao folclore nativo brasileiro — os costumes de dansas, ritmos e cantos que eram característica de muitas tribus indígenas de nossas florestas. Parece que esse folclore nativo é hoje o mais desprezado, quando devia ser o mais bem conservado e incentivado pelas gerações que tem a responsabilidade de preservar essas belezas nativas de nossa terra.

Por isso, Blumenau também possui o folclore importado. Foram os imigrantes europeus que trouxeram para cá uma das mais belas tradições milenares do Velho Mundo: as danças típicas, as festas de Rei e de Rainha do Tiro, com os tradicionais bailes sempre iniciados com a dança conhecida por “polonaise” que é uma espécie de “quadri-lha” também importada da Europa. Esses costumes que consideramos um estilo de folclore dos mais belos, são conservados com fervor pelos blumenauenses e ainda incentivados substancialmente pelo poder público, inclusive com a realização de outro acontecimento expressivo de arte e beleza: O Encontro Internacional dos Cantores.

## TERIA EXISTIDO UM FORTE TEÔR ROMÂNTICO ENTRE

### OS IMIGRANTES QUE FUNDARAM BLUMENAU?

Não só existiu como ainda hoje existe. A característica do povo blumenauense, repito, especialmente o povo que reside mais na área suburbana e que descende mais diretamente dos imigrantes, com os quais permaneceram, mais arraigados, os costumes, as tradições, as vocações românticas e artísticas, é a do romantismo sob os seus diversos aspectos e manifestações. Por isso que, sendo o homem ou a mulher de origem alemã muito afeitos a reuniões sociais, à organização de corais e, enfim, à convivência social-comunitária, sempre existiu e ainda existe entre estas pessoas que têm tal origem, um espírito muito alegre, romântico e, de certo modo, de elevada inspiração artística. Isso, po

rém. nunca impediu que, tanto o habitante de origem germânica quanto o de outras origens, deixasse de praticar com todo fervor a sua religião — católica e evangélico-luterana. O espírito de religiosidade que também deu sólida base moral à colônia blumenauense nos seus primórdios, constitui, ainda, o fator preponderante no aspecto romântico — padrão de ética, de respeito e de cavalheirismo na aceção da palavra.

Hoje, Blumenau continúia a expressar, nos seus diversos setores de atividades sociais-tradicionais, quase a mesma característica que marcou o aspecto romantismo-arte-bom gosto-canto e música, que moldou toda a configuração da civilização de toda a região do Vale do Itajaí. Hoje, encontramos nas trinta e tantas sociedades tradicionais disseminadas pela periferia da cidade, as mesmas reuniões festivas, enriquecidas não só com a preferência pela tradicional cerveja, como também, como resultado dos efeitos etílicos dessa deliciosa bebida, a reunião de grupos de quatro, cinco, seis ou mais pessoas, em algumas mesas, a cantar, acompanhando as músicas tradicionais que as bandinhas típicas executam nos bailes sociais de atiradores, de bolonistas ou de cantores. E todos cantam alegremente, sem inibição, em língua alemã, as velhas canções da Renânia, da Westphalia ou da Bavária. Isso não representa, no entanto, a preferência desses descendentes de alemães por tudo o que é alemão. Na sua totalidade, eles são autênticos brasileiros, possuidores de um espírito patriótico que merece o respeito e a admiração daqueles que se consideram super-brasileiros.

### O ROMANTISMO SOBREVIVERA AOS TEMPOS

Diante dessas considerações não temos dúvidas em afirmar que o romantismo entre a nova geração está sobrevivendo e continuará pelos anos afora, isto porque, de 1970 para cá, tem crescido não só o número de sociedades tradicionais como também o número de seus associados e adeptos do esporte e das tradições que praticam. A juventude originária dessas famílias ligadas a essas sociedades, está participando ativamente de tudo, sem qualquer constrangimento ou inibição, embora uma boa parte dessas moças e rapazes falem, hoje, o alemão, com bastante dificuldade.

A prova de que os jovens não de ser os continuadores das tradições das festas de Rei do Tiro, está no fato de que, no VI Encontro Blumenauense de Atiradores, realizado em 1977, sob os auspícios do governo municipal, sagrou-se campeão, entre os representantes de 25 sociedades que competiram, um jovem de dezesseis anos como o melhor atirador, enquanto que outro jovem da mesma idade, foi coroado o Rei do ano, com o melhor tiro.

## *A opinião dos que nos visitam*

Vamos continuar, neste número, com a divulgação de mais algumas das muitas impressões deixadas no livro de visita à Fundação "Casa Dr. Blumenau", por pessoas procedentes das diversas unidades da Federação:

— "Uma das mais belas recordações do passado de Blumenau que vai ficar eternamente gravada na minha mente e na de meus familiares, com a visita que fizemos ao Museu da Família Colonial. — Otto Hugo Kistermann, esposa e filha" — São Paulo.

X X X

— "O que se viu não se pode descrever, tudo tão maravilhoso como maravilhosas, também, as explicações recebidas na visita. — Pedro Domenico — Recife, Pernambuco".

X X X

— "Que o passado sirva de exemplo às gerações futuras para fazermos um Brasil maior ainda. Estamos apenas começando e há, ainda, muito a fazer. — J. C. Calixto de Jesus — São Paulo".

X X X

— "José Ferreira da Silva foi um abnegado sonhador que lutou com inteligência, para salvar o patrimonio brilhante de uma Blumenau linda, forte e poética. As felicitações de um gaúcho. — Dante de Lautano".

X X X

— "O presente é fruto do passado. Cumpre saber mante-lo para o futuro não como algo que já passou mas, que se renova a cada geração que passa. Isto é que é fazer a História do Homem" — Professor Eduardo Silva dos Santos Souza — Vitoria — E. S."

X X X

— "O amor à tradição é a força que impele o Brasil para a frente. Viva o povo de Blumenau, exemplo para o de todas as nossas cidades. Pedro e Fabíola Portugal Fraga — Rio de Janeiro".

X X X

— "O povo de Blumenau está de parabens por ter em seu município uma casa que honra seus antecedentes" — Hildegard Wohbrock — Valença — Estado do Rio".

X X X

— "Gostei imensamente da visita a esse museu histórico, e mais uma vez aqui fica provado que o fundador desta cidade foi um homem genial. — Leonida Vieira".

X X X

— "Uma cidade que, mantendo um permanente ritmo de desenvolvimento é capaz de guardar as relíquias de sua historia e o amor às suas coisas, merece o seu futuro! — Flaviano Camara — São Paulo".

# “Minha estada na Colônia D. Francisca”

Elly Herkenhoff

## (Continuação)

Continua o nosso cronista falando das suas ocupações, durante as 7 semanas de permanência: a inspeção dos trabalhos executados, a leitura, a caça — embora não tenha ele diminuído em nada a fauna existente na região, porque os animais de caça, muito esportos, somente reapareceram depois da partida do caçador...

E, muito rapidamente, para não chocar ou assustar o leitor alemão, rapidamente e “en passant”, assim como se mencionam as coisas de somenos importância, o cronista fala das pragas comuns às regiões tropicais, que, segundo ele, “Nem são tão graves assim”. E menciona os insetos — os insetos da região — aos quais “facilmente nos habituamos”... e os jacarés. “parentes mais dóceis dos crocodilos” que existiam, sim, mas que não chegavam a impedir o comandante do patacho de tomar desprocuradamente o seu banho no rio... e as serpentes, aparentemente bem intencionadas, contra as quais sempre há um remédio a mão e que de resto, afugentadas pelo passo firme do europeu, só existem em número reduzido na floresta...

“Os índios não tentaram se aproximar, porque estava conosco toda a guarnição da província de Santa Catarina. Eram 8 guerreiros, que habitavam um rancho já em ruínas, à beira do ribeirão. Ocupavam-se eles em disparar as suas carabinas todas as manhãs e

todas as noites e engolir muita cachaça durante o dia. De resto, eram exemplares, absolutamente pacíficos e inofensivos e muito interessantes porque apresentavam 8 cores diferentes: branco, amarelo, preto, preto-amarelo, preto-branco, branco-amarelo, preto-branco-amarelo, e branco-preto-branco.

O preto-branco-amarelo era o subtenente. O branco um português corretíssimo. Por três vezes já tinha sido degradado — muito injustamente, pois era uma boa alma. Se alguém lhe desse alguma coisa, era seu sectário e não vacilava em trair por ele o chefe e o imperador — enquanto durasse o dinheiro e bebedeira...”

Segue-se à tão pitoresca descrição dos soldados, vistos pelos olhos do recém-chegado europeu, a descrição dos índios, chamados “bugres”, que em número de ... 2.000, conforme se dizia, habitavam as florestas do sul da província de São Paulo — hoje estado do Paraná — e da província de Santa Catarina.

“Nunca assaltam durante a noite, não atacam as casas um pouco afastados do mato e têm medo de homens e de armas de fogo. Às margens do Itapocu, há pouco tempo, um caçador brasileiro afugentou um grupo de 27 índios, que pretendia saquear a sua casa e a espingarda do caçador nem estava carregada. Com um pouquinho de preocupação, os colonos nada têm a temer. As margens do Itajaí eles também es-

tão presentes e lá nunca houve nada. O sr. Dr. Blumenau, a quem conheço e a quem muito estimo, é uma autoridade tranquilizante, e de muito prestígio, no caso".

O futuro se encarregaria, infelizmente, de contestar estas e outras afirmações tranquilizantes, com os muitos ataques dos "bugres", ao longo dos anos praticados contra os colonos, tanto às margens do Cachoeira como às margens do Itajaí...

IV — "O calor, apesar do verão". "prosegue o cronista, "não era excessivo. O termômetro nunca subia a mais de 22 graus Réaumur à sombra. É verdade que chovia bastante forte, mas raramente o dia todo e quase sempre com interrupção de 4 a 5 dias e, não sendo o chão lodoso e sim barrento, com um pouquinho de sol já enxugava".

Confrontemos os 22 graus Réaumur — iguais a 27,5 graus centígrados — com os dados contidos no já mencionado livro de Theodor Rodowicz, à p. 79:

"Nos meses de verão — dezembro, janeiro e fevereiro — tivemos temperaturas mais elevadas. Mesmo durante à noite o termômetro nunca descia, a menos de 20 graus, subindo até 26 graus à sombra, durante o dia. Houve quem observasse 23 graus, mas eu creio que o termômetro se achava sob influência de raios do sol refletidos. Em dias de chuva observávamos 18 graus".

Conforme vemos, a temperatura máxima observada por Rodowicz era de 20 graus Réaumur iguais a 32,5 graus centígrados. A temperatura mínima, no verão,

em dias de chuva, era de 18 graus Réaumur, iguais a 22,5 graus centígrados — o que nos leva à conclusão, pouco alentadora para nós, de que a temperatura reinante em toda a colônia Dona Francisca era mais ou menos desagradável do que a canícula quase insuportável nos meses de verão na "Manchester Catarinense" — onde o desmatamento prossegue, em ritmo cada vez mais acelerado, incontrolado, promovido e permitido em nome do progresso...

Quanto à chuva copiosa, durante o mês de fevereiro daquele ano de 1851, não há nenhuma dúvida. Conta-nos o cronista de uma caçada, organizada por várias pessoas, entre as quais o médico Dr. Destrolles, de S. Francisco. Os caçadores acampariam durante 2 dias às margens da Lagoa Bonita, mas devido à chuva violentíssima, desabada logo no primeiro dia, a caçada transformou-se numa aventura pouco agradável e os caçadores voltaram à tarde do mesmo dia, enlameados, esfolados, exaustos. O nosso cronista não participou da caçada, porque para sua felicidade, não podia andar descalço e não possuía sapatos próprios para serem amarrados nos pés...

Discorre sobre a fertilidade do solo — "mais fértil ainda para o lado dos morros, e é para aquele lado que a colônia irá se estender". Explica ao leitor o modo de preparo da roça a maneira de plantio e da primeira colheita e da segunda colheita, três meses depois, arrematando: "Dificilmente se morre de fome, no Brasil".

Quanto às árvores, mostra-se

surpreso com a variedade e a quantidade existentes, relevando a importância do palmito, devido à sua dupla serventia: uma parte serve de alimento, a outra parte, o tronco se presta maravilhosamente bem à construção de casas. Basta regular quantidade de troncos de palmito, cipó, barro, sapé e, como ferramentas, a enxada e o machado, para se levantar, em pouco tempo, um "palacete". "Portas e janelas", diz o nosso cronista, "já significam luxo, porque para o seu fabrico são necessárias várias ferramentas muito complicadas, tais como plaina, formão, martelo, serrote — produtos da nossa supercivilizada Europa"...

"Mas, ainda havia muito o que fazer e em vista disso apareceram

muitos trabalhadores das redondezas. Gente boa, pacífica, moderada — um pouco tagarela, um pouco indolente, um tanto marota, um tanto loroteira — mas, de resto, pura e inocente como Adão no paraíso e muitas vezes também como ele trajada. Os que moravam nas proximidades, vinham e voltavam todos os dias em suas canoas, dando assim um aspecto colorido, numa viagem a S. Francisco ou, na colônia, quando essa gente alegre vinha subindo em grupos, com as suas roupas claras, o chapéu de palha, a mochila e a eterna companheira, a espingarda de caça, para procurar serviço com o "senhor Eduardo". Os que moravam mais longe, pernoitavam na segunda casa de alojamento. (continua)

## Tem nova diretoria o Clube Filatélico de Blumenau

O Clube Filatélico de Blumenau, cujas atividades vêm se intensificando ultimamente e retornando ao lugar de destaque que durante muitos anos ocupou no consenso nacional, está iniciando o ano de 1978 com uma nova Diretoria.

Empossada no dia 7 do corrente mês, a nova Diretoria tem à sua frente, o jovem e destacado filatelista Renato Mauro Schramm, um dos mais entusiastas filatelistas da atualidade, a quem muito deve o Clube Filatélico de Blumenau na nova fase que está atravessando. Não restam dúvidas de que se contar com a colaboração de seus companheiros de Diretoria e dos demais associados, Renato Mauro Schramm, poderá realizar um trabalho dos mais expressivos em favor da filetelia blumenauense, fazendo com que o Clube se projete de maneira surpreendente através do mundo filatélico brasileiro e internacional.

A constituição da nova Diretoria do Clube Filatélico de Blumenau é a seguinte:

Presidente: advogado Renato Mauro Schramm. Vice-Presidente, Professor Ewaldo Trierweiler; Secretário, Mário Machado da Luz; 2º. Secretário, Carl Heinz Rothbarth; Tesoureiro, Luiz H. Ogeda; Diretor de Trocas, Prof. Wilson Alves Pessoa. Diretor de Propaganda, Renato Henschel; Diretor de da Secção de Numismática, Werner Reimer; Provedor, Engº. Juergen Otto Berner.

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Contabilista Elimar Baumgarten - presidente*  
*Jornalista Honorato Tomelim - vice-presidente*

Membros: *Jornalista Altair Carlos Pimpão - Prof. Antônio Boing Nelo -*  
*Comerciante Arno Letzow - Advogado Beno Frederico Weiers -*  
*Repres. Comercial Heinz Hartmann - Prof. Nelo Osti - Prof.*  
*Olívio Pedron - Repres. Comercial Otto Laczynski e Industrial Rolf Ehlke*

Diretor Executivo: *Escritor José Gonçalves*

# IMPRESSÕES EM OFFSET A CORES



A L I V R A R I A   D E   S E U   F I L H O  
R U A   1 5   D E   N O V E M B R O , 1 4 2 2 / 2 4 - F O N E   2 2 - 2 6 2 7 - C . P . 6 5 1  
I N D Ú S T R I A - R U A   A M A Z O N A S , 1 5 0 5 / 3 1 - F O N E 2 2 - 3 6 2 7 - G A R C I A

**BLUMENAU - STA. CATARINA**